

*Not That Kind of Girl* é uma obra de não-ficção. Alguns nomes e outros detalhes foram modificados.



## FICHA TÉCNICA

Título original: *Not That Kind of Girl*

Autora: *Lena Dunham*

Copyright © 2013 by Lena Dunham

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria de Almeida*

Fotografia da autora © Autumn de Wild

Ilustrações: *Joana Avillez*

Ilustração das guardas: © 2014 by Paton Cosell Turner

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 388 726/15

1.ª edição, Lisboa, março, 2015

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

Para a minha família, claro.

Para a Nora.

E para o Jack,  
que é tal e qual como ela disse que ele seria.

*Nas profundezas da sua alma, porém, ela aguardava que algo acontecesse. Como um marinheiro em aflição, contemplava a solidão da sua vida com olhos desesperados, perscrutando o horizonte longínquo em busca de uma vela branca. Não sabia o que poderia ser esse acontecimento fortuito, que ventos lho trariam, até que costa a levaria, se seria um escaler ou um navio com três andares, carregado com angústia ou a transbordar de felicidade. Mas todas as manhãs, quando acordava, tinha esperança que chegasse nesse dia...*

GUSTAVE FLAUBERT, *Madame Bovary*\*

*Com que rapidez transformas  
a energia que a vida te dá  
em floreados artísticos.*

O MEU PAI, a ralar comigo

# Índice

Introdução .....	13
<b>SECÇÃO I Amor &amp; sexo</b> .....	21
Fica com a minha virgindade (Não, a sério, fica mesmo com ela)	23
Partilhar a cama de forma platónica: Uma ideia excepcional (para pessoas que se odeiam) .....	30
18 coisas improváveis que eu já disse em tom de <i>flirt</i> .....	42
O Igor: Ou o meu namorado da Internet morreu e por isso o seu também pode morrer .....	45
Partilhar preocupações: O meu pior <i>email</i> de sempre, com notas de rodapé .....	53
Miúdas e parvalhões .....	59
O Barry .....	72
Apaixonar-me .....	88
<b>SECÇÃO II O corpo</b> .....	101
«Dieta» não é uma palavra, é um palavrão: Como manter-se com 4,5 kg a mais ingerindo apenas comida saudável .....	103
Cenas de sexo, cenas de nudismo e partilhar publicamente o corpo .....	122
15 coisas que aprendi com a minha mãe .....	130
O que está na minha mala .....	132
Quem deslocou o meu útero? .....	135

<b>SECÇÃO III A amizade</b> .....	147
Ter uma pancada por uma rapariga: A vez em que quase fui lésbica e depois vomitei .....	149
A melhor parte .....	163
13 coisas que aprendi que não se devem dizer aos amigos .....	167
A Grace .....	169
10 razões por que adoro Nova Iorque .....	179
<b>SECÇÃO IV O trabalho</b> .....	183
É suposto isto ser divertido? Fazer-se o melhor que se pode com a instrução que se teve .....	185
Luvinhas de cabedal: A alegria de perder tempo .....	199
17 coisas que aprendi com o meu pai .....	214
<i>Emails</i> que enviaria se fosse um niquinho mais maluca/zangada/ /corajosa .....	216
Eu não forniquei com eles, mas eles gritaram comigo .....	219
<b>SECÇÃO V O panorama geral</b> .....	225
Eu e a terapia .....	227
Mas será que isto é real? Pensamentos sobre a morte e sobre morrer .....	244
As minhas 10 principais preocupações com a saúde .....	256
Olá, mãe! Olá, pai! Saudações do campo de férias para raparigas de Fernwood Cove .....	260
Os meus arrependimentos .....	274
Guia para fugir de casa .....	276
Agradecimentos .....	285
Notas finais de tradução .....	287



## ***Introdução***

TENHO VINTE ANOS e odeio-me. Odeio o meu cabelo, o meu rosto, a curva da minha barriga. A forma como a minha voz parece vacilante e os meus poemas parecem piegas. A forma como os meus pais falam comigo num registo ligeiramente mais elevado do que usam para a minha irmã, como se eu fosse uma funcionária pública que se passou e que, se continuarem a chatear-me, serei capaz de fazer explodir os reféns que tenho acorrentados na cave.

Escondo este ódio com uma espécie de aceitação agressiva. Pinto o cabelo de amarelo fluorescente, cortando-o bem curto à frente, mas comprido atrás, num estilo mais inspirado nas fotografias das mãos adolescentes dos anos 1980 do que em qualquer tendência de moda atual. Visto-me com licra néon que se agarra aos sítios errados. Tenho uma discussão brutal com a minha mãe quando decido usar uma *T-shirt* com o desenho de uma banana e que deixa ver a barriga, combinada com *leggings*

cor-de-rosa, numa visita ao Vaticano e os turistas religiosos ficam especados de boca aberta antes de desviarem o olhar.

Vivo num dormitório que era, até há bem pouco tempo, um lar para os idosos com baixos rendimentos da cidade e não gosto de pensar onde é que eles estarão agora. A minha companheira de quarto mudou-se para Nova Iorque a fim de explorar a culinária sustentável e o lesbianismo, por isso estou sozinha, num T0 no piso térreo, um facto que aprecio até ao dia em que uma jogadora de rãguebi arranca a porta da minha casa das dobradiças e entra de rompante no dormitório para atacar a namorada que a andava a enganar. Comprei um leitor de VHS e duas agulhas de tricô e passo quase todas as noites no sofá a fazer meio cachecol para um rapaz de quem gosto, que teve um episódio maníaco e desistiu de estudar. Já fiz duas curtas metragens, que o meu pai considerou «interessantes mas inconsequentes», e estou tão paralisada enquanto escritora que comecei a traduzir poemas escritos em línguas que não falo, numa espécie de exercício surrealista destinado a inspirar-me, mas também a impedir-me de dar espaço aos pensamentos perversos, que chegam, em espiral, sem terem sido solicitados: sou horrível. Vou estar a viver num hospício aos vinte e nove anos. Nunca serei ninguém.

Se me vissem numa festa, nunca diriam nada disto. No meio de uma multidão, sou imprudentemente divertida, vestida a rigor com vestidos compridos que arranjo em lojas que vendem roupa em segunda mão e unhas postiças, esforçando-me por controlar o sono que advém dos 350 miligramas de medicamentos que tomo todas as noites. Sou quem mais dança, quem mais ri das minhas próprias piadas e faço referências casuais à minha vagina, referindo-me a ela como se fosse um carro ou uma cómoda. Tive mononucleose no ano passado, mas não chegou a passar totalmente. De vez em quando, uma das minhas glândulas fica do tamanho de uma bola de golfe e vê-se, saliente, no meu pescoço como se fosse um dos parafusos que mantêm o monstro de Frankenstein intacto.

Tenho amigas: um grupo simpático de raparigas cujas paixões (fazer bolos, secar flores, organizar atividades comunitárias)

não me entusiasmam. Sinto-me culpada por causa disso, tenho a sensação de que a minha incapacidade de me sentir à vontade com elas prova, de uma vez por todas, que eu não presto. Rio-me, concordo, arranjo razões para ir para casa mais cedo. Fico com a sensação desagradável de que as minhas *verdadeiras* amigas estão à minha espera, fora da faculdade: mulheres invulgares, cujas ambições sejam tão grandes quanto as suas transgressões passadas, que usem o cabelo apanhado no alto da cabeça, com um ar teatral como os arbustos ornamentais de Versalhes, e que nunca, mas mesmo nunca, digam «demasiada informação», quando uma pessoa menciona um sonho sexual que envolveu o pai.

Mas também me sentia assim no secundário, tinha a certeza de que o meu grupo era de outro lado qualquer e ia para outro lado qualquer e que me reconheceria quando me visse. Seriam pessoas que gostariam de mim o suficiente para não ser importante o facto de eu não gostar. Veriam o que há de bom em mim, para que eu própria também conseguisse ver.



Aos sábados, eu e as minhas amigas enfiamo-nos no velho *Volvo* de uma delas e vamos a uma loja de coisas em segunda mão, onde compramos bijutarias que tresandam às vidas de outras pessoas e roupas que acreditamos serem capazes de melhorar as nossas próprias vidas. Todas queremos parecer uma personagem saída de uma comédia televisiva da nossa juventude, as adolescentes que admirávamos quando ainda éramos crianças. Nunca há calças que me sirvam, a não ser que procure na secção das grávidas, por isso compro sobretudo vestidos que parecem sacos de batatas e camisolas de malha garridas.

Há dias em que venho carregada de coisas: um *tailleur* cor de pêssego com subtis manchas de café, *leggings* com correntes desenhadas que descem a perna, um par de botas feito à medida para uma pessoa com pernas de tamanhos diferentes. Mas há

outros dias em que não trago quase nada. Os tesouros habituais, como os ténis coloridos mas sem marca e as camisas de noite diáfanas rasgadas, já foram arrebanhados. Nessas ocasiões, vagueio para a secção dos livros, onde as pessoas se livram dos guias para um melhor divórcio e dos manuais para se fazer toda a espécie de coisas e onde, às vezes, até se encontram livros de recortes e álbuns de fotografias de família.

Examino a prateleira empoeirada, que mais parece a coleção de livros de uma família infeliz e talvez iletrada. Ignoro os conselhos para enriquecer rapidamente, paro por alguns instantes na autobiografia da Miss Piggy, contemplo um livro chamado *Sisters: The Gift of Love*. Porém, quando chego a um livro de capa mole, já desgastada, com as pontas tão amareladas que quase estão verdes, paro. *Having It All\**, de Helen Gurley Brown, que adorna a própria capa, encostada à sua secretária muito arrumadinha, envergando aquele tipo de fatos com enchumaços, cor de ameixa, que eu costumo usar ironicamente, cheia de pérolas e um sorriso sabedor.

Gasto os sessenta e cinco cêntimos necessários para levar o livro para casa. No carro, mostro-o às minhas amigas, como se fosse uma piada decorativa, algo para colocar na minha prateleira de troféus pirosos e fotografias de miúdos que não conheço tiradas num estúdio qualquer. Este é o nosso *hobby*: apropriarmos de artefactos significativos e exibimo-los para mostrar quem nunca seremos. Mas sei que vou devorar este livro e, quando chego a casa, enfio-me logo na cama, a tremer debaixo da minha manta de retalhos, com uma tempestade típica do Ohio a rodopiar no parque de estacionamento do lado de fora da minha janela.



O livro é de 1982 e, na folha de rosto, está uma inscrição, escrita a esferográfica: «Para a Betty! Beijinhos, Margaret, a tua amiga Optifast. J» Estas palavras comovem-me: a ideia de que o livro foi passado, há muito, muito tempo, de uma mulher para outra, pertencentes ao mesmo grupo de apoio

para quem pretende perder peso. Estendo a mensagem dela na minha mente: *Betty, nós vamos conseguir. Estamos a conseguir. Que este livro te leve até às estrelas e mais além.*

Corro para casa todos os dias depois das aulas para devorar os ensinamentos da Helen. Fico eletrizada pelo modo como, em *Having It All*, Gurley Brown partilha a sua coleção de humilhações e triunfos ocasionais e explica, com a precisão de um Guia para Totós, como também nós podemos ser abençoados com «amor, sucesso, sexo, dinheiro, mesmo que comecemos sem nada».

Tenho de salientar que quase todos os conselhos que ela dá são totalmente tresloucados. Incentiva as leitoras a ingerirem menos de mil calorias por dia («as dietas radicais não fazem mal nenhum e jejuar também não... Ficar satisfeita está fora de questão. Tem de se sentir ligeiramente desconfortável e sempre com fome durante o programa de perda de peso, senão isso significa que, provavelmente, não estará a funcionar»), a evitarem ter filhos se possível e a estarem prontas para fazer sexo oral a qualquer momento («quanto mais sexo fizer, mais consegue suportar»). A Helen tem pouca tolerância ao livre arbítrio neste departamento: «Exaustão, preocupação com um problema, dores menstruais — nada é uma boa desculpa para não fazer amor a não ser que esteja tão zangada com o homem com quem partilha a cama que os seus olhos se revirem nas órbitas e esteja a ranger os dentes.»

Alguns conselhos são um pouco mais sensatos: «Saia sempre para o aeroporto quinze minutos mais cedo do que seria aceitável. Assim, conseguirá poupar as suas válvulas» ou «Se tem problemas pessoais graves, então creio que deve consultar um psicólogo para pedir conselhos e ajuda. Não me passa pela cabeça que alguém possa andar na rua com o coração e a cabeça doentes, sem tratamento, tal como não imaginaria que alguém se passeasse com sangue a esguichar do pescoço...» Porém, a sua sabedoria sincera perde parte da força porque é obrigada a partilhar o espaço com pérolas como «para mim, evitarmos totalmente os homens casados quando estamos solteiras seria como descartarmos os primeiros-socorros que poderiam ser prestados

num hospital em Tijuana quando nos estamos a esvaír em sangue só porque preferimos um hospital americano imaculado que fica a uma distância impossível do outro lado da fronteira.»

*Having It All* está dividido em secções, sendo que cada uma delas propõe uma viagem por algum aspeto geralmente sacrosanto da vida feminina como as dietas, o sexo e as complexidades do casamento. Porém, apesar das suas teorias tresloucadas, que não estão minimamente de acordo com a minha educação distintamente feminista, agrada-me a forma como a Helen partilha a sua própria história embaraçosa, como o facto de ter sofrido terrivelmente de acne, numa tentativa de dizer: *Olhem, a felicidade e a satisfação podem acontecer a qualquer pessoa*. Nesse processo, revela o seu próprio sofrimento singular (vem-me à mente um excerto sobre um episódio bulímico que envolveu o consumo de *baklava*), mas talvez eu a tenha subestimado. Talvez isso não seja um acidente, mas sim, de facto, o seu dom.



Quando descobri o livro dela, ainda não compreendia a posição que a Helen Gurley Brown ocupava no cânon, não sabia que já tinham escrito sobre ela e que as mulheres que viriam a guiar-me já tinham reagido à obra dela, mulheres como Gloria Steinem e Nora Ephron. Não sabia que ela era simultaneamente o baluarte do movimento de libertação das mulheres e o da polícia do vício, nem que ela ainda estava viva e perto da casa dos noventa, que ainda transmitia a sua ajuda caracteristicamente vivaça e desmiolada aos oprimidos. Tudo o que sabia era que ela tinha pintado a imagem de uma vida tornada muito mais rica por ter sido, em tempos, aquilo a que ela chama um *Patinho Feio*: nada bonita, nada especial, nada desenvolvida. Ela acreditava que, em última instância, os Patinhos Feios são as mulheres que irão triunfar, porque conseguiram sobreviver ao sofrimento de serem ignoradas e mal-amadas. A perspetiva dela era autopreservadora, mas isso era algo de que eu precisava desesperadamente. Talvez,

como a Helen pregava, uma mulher poderosa, confiante e, sim, até mesmo sensual, pudesse ser criada, sem ter nascido assim. Era uma possibilidade.

Não há nada mais corajoso para mim do que uma pessoa anunciar que a sua história merece ser contada, especialmente se essa pessoa for uma mulher. Por muito que tenhamos trabalhado e por muito longe que tenhamos chegado, ainda há muitas forças que conspiram para dizer às mulheres que as nossas preocupações são insignificantes, que as nossas opiniões não são necessárias, que não temos a seriedade suficiente para que as nossas histórias sejam relevantes. Que a escrita pessoal feita por mulheres não é mais do que um exercício de vaidade e que devíamos desfrutar deste novo mundo para as mulheres, sentadinhas e caladinhas.

Contudo, quero contar as minhas histórias e, mais do que isso, *tenho* de o fazer para me manter mentalmente sã: histórias acerca de acordar e ver o meu corpo feminino e sentir-me enojada e aterrorizada. Acerca de me terem apalpado o rabo quando estava a estagiar, de ter de provar o meu valor numa reunião cheia de homens na casa dos cinquenta e de ir a uma gala formal com o nariz vermelho mais cheio de ranho que alguma vez se viu. Acerca de deixar que os homens me tratassem de formas que sabia serem erradas. Histórias acerca da minha mãe, da minha avó, do primeiro rapaz de quem gostei e que virou *semigay*, e da primeira rapariga que amei e que se transformou na minha inimiga. E se eu pudesse pegar naquilo que aprendi e facilitar-lhe, a si, alguma tarefa ou impedi-la de ter o tipo de sexo em que só queremos ficar com as cuecas vestidas para o caso de nos apetecer fugir a correr durante o ato, então todos os meus passos em falso valeram a pena. Já estou a prever a minha vergonha futura por ter pensado que tinha algo para lhe oferecer, mas também a minha glória futura por tê-la impedido de experimentar uma desintoxicação com sumos caríssima ou de pensar que a culpa foi sua quando a pessoa com quem namorava de repente se afastou, intimidada pela clareza da sua missão pessoal aqui na Terra. Não, não sou sexóloga, nem psicóloga, nem nutricionista. Não

sou mãe de três crianças, nem dona de um *franchise* de *lingerie* de sucesso. Porém, sou uma rapariga com um grande interesse em ter tudo e aquilo que se segue são os comunicados otimistas da linha da frente dessa luta.



SECÇÃO I

# *Amor & sexo*





## ***Fica com a minha virgindade***

(Não, a sério, fica mesmo com ela)

QUANDO TINHA NOVE ANOS, escrevi um voto de celibato num pedaço de papel e comi-o. Prometi a mim mesma, com um marcador cor de laranja, que me manteria virgem até acabar o ensino secundário. Pareceu-me algo importante porque sabia que a minha mãe tinha esperado até ao verão antes de ir para a faculdade e também porque a Angela Chase da série de televisão *Que Vida Esta!* parecia ter ficado muito perturbada pela experiência que teve na pensão rasca onde os miúdos da secundária iam copular. Se a minha relação com o patê de fígado podia servir de indicador — e eu tinha, recentemente, comido tanto patê que chegara a vomitar —, então a minha força de vontade deixava muito a desejar. Precisaria de algo mais forte do que a minha determinação para me impedir de ter relações sexuais demasiado cedo, por isso escrevi o voto e pedi à minha mãe para assinar o documento. Ela recusou.

— Nunca se sabe as voltas que a vida dá e não quero que te sintas culpada — disse ela.

O contrato acabou por ser uma precaução desnecessária. A oportunidade nunca se apresentou na secundária, nem sequer durante o meu primeiro ano na faculdade na New School, a não ser que se conte com um aspirante a piloto entroncado, chamado James. Embora nunca consumado, o tal encontro foi suficientemente longe para, no dia seguinte, eu ter de procurar um preservativo cor de menta, que não fora usado, mas caíra para trás da minha cama no dormitório. Estava tudo a correr muito bem e a minha camisa e as calças já tinham sido descartadas, mas quando revelei o meu estatuto de virgem, ele ficou (talvez legitimamente) com receio de que eu criasse um laço unívoco e inquebrável com ele e pôs-se a andar. No segundo ano da faculdade, pedi transferência para uma pequena escola de artes liberal no Ohio que era conhecida por ter sido a primeira faculdade a admitir mulheres e afro-americanos, bem como pelo seu corpo estudantil poliamoroso e bicurioso. Eu não era uma coisa nem outra mas pareceu-me um bom ambiente, um local onde eu teria apoio e onde conseguiria finalmente pôr a bola em campo.

A Faculdade de Oberlin era um devaneio do amor livre. Durante a primeira trovoadas do ano, uma série de alunos em pelo tomaram o pátio, cobrindo os corpos uns dos outros com lama. (Eu usei um tanquíni.) As pessoas referiam-se umas às outras como «antigos amantes, atuais amigos». Havia um seminário sexual gerido pelos alunos, onde todos os anos um rapaz e uma rapariga eram recrutados para mostrar o seu pénis e a sua vagina, respetivamente, a uma multidão ansiosa de aspirantes a tornarem-se a próxima Dra. Ruth Westheimer.

Sentia-me mesmo a virgem mais velha da cidade, e provavelmente era, se não contarmos com a rapariga *punk* com um grande par de mamas, que vinha de Olympia, no estado de Washington, e que vivia igualmente frustrada; encontrávamo-nos as duas muitas vezes, já de camisa de noite, para discutirmos a falta de perspetivas. Éramos duas Emily Dickinsons com *piercings* faciais, que se interrogavam sobre o que a vida lhes teria reservado e se teriam, sem querer, cruzado a linha que divide os inocentes dos patéticos.

— O Josh Krolnik passou com os dedos pelo elástico das minhas cuecas! O que é que achas que isso quer dizer?

— Também me fez a mesma coisa...

Reparámos até, para nosso grande horror, que o rapaz que usava um roupão de banho roxo em todas as aulas tinha uma rapariga que usava um pijama do Super-Homem que parecia gostar dele. Olhavam um para o outro com olhares melosos, embrenhados no seu próprio mundo (sem dúvida sexual) de roupa de trazer por casa.

A escolha era reduzida, especialmente se, como eu, a pessoa não se interessasse por bissexuais. Pelo menos metade dos homens heterossexuais do *campus* universitário jogava *Dungeons & Dragons*, e outro quarto abstinha-se totalmente de usar calçado. O rapaz mais giro que vira na escola até então, um alpinista de cabelo comprido chamado Privan, subira para cima da secretária no final de uma aula, revelando que trazia uma saia larga e florida. Tornou-se óbvio que teria de fazer algumas concessões se queria mesmo experimentar o amor carnal.



Conheci o Jonah<sup>1</sup> na cantina. Não tinha um estilo definido, para além de se vestir vagamente como uma lésbica de meia-idade. Era pequeno, mas forte. (Homens com menos de um metro e meio pareciam ser o que me calhava sempre na rifa.) Trazia vestida uma *T-shirt* do dia LGBT da secundária (uma escola secundária com um dia LGBT! Que engraçado!), e a sua abordagem ao eterno *buffet* que era a cantina foi bastante requintada, o que me agradou — até os *vegans* tinham a tendência de encher os pratos como se o apocalipse estivesse para chegar e regressavam aos dormitórios catatónicos devido ao esforço da digestão. Mencionei casualmente que me sentia frustrada por não conseguir ir até ao Kentucky fazer um trabalho de jornalismo e ele ofereceu imediatamente os seus serviços. Embora me tivesse

---

<sup>1</sup> Nome alterado para proteger os verdadeiramente inocentes.

sentido tocada pela sua generosidade, não queria fazer uma viagem de cinco horas de boleia com um estranho. Porém, cinco a quarenta e cinco minutos de sexo não fariam mal nenhum.

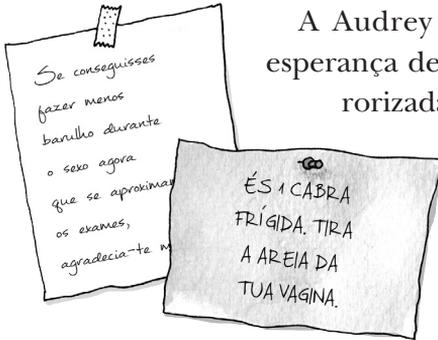
A melhor forma de o fazer, obviamente, era dar uma festa com queijos e vinho, que foi o que fiz, no meu quarto com 2,5 m por 3 m, no «piso sossegado» do East Hall. Arranjar o vinho teria implicado pegar na bicicleta e pedalar mais de onze quilómetros com uma temperatura abaixo de zero até uma loja de bebidas perto de Lorain que não pedia identificação, por isso acabou por ser cerveja e queijo e uma grande caixa de sortido de tostas *Carr's*. O Jonah foi «casualmente» convidado num *email* de grupo que me fez parecer muito mais descontraída do que estava («Olá, a todos! Às vezes, à quinta à noite, só me apetece relaxar. E A TI?»). E ele veio, e ficou, mesmo depois de todos os outros convidados terem pegado nas suas coisinhas e terem ido embora. Foi então que soube que, pelo menos, andaríamos na marmelada. Conversámos, primeiro animadamente e depois nas semiexclamações nervosas que substituem os beijos quando ambas as pessoas são demasiado tímidas. Por fim, disse-lhe que a profissão do meu pai era pintar pénis gigantes. Quando me perguntou se dava para ver os quadros dele na Internet, peguei-lhe nos colarinhos e fiz-me a ele. Tirei a camisa quase de imediato, como fizera com o piloto, o que pareceu impressioná-lo. Continuando com audácia, dei um salto para ir buscar um preservativo ao «*kit* de sobrevivência do caloiro» que nos tinham dado (mesmo andando eu no segundo ano e embora tivesse a certeza de que, se o apocalipse efetivamente chegasse, iríamos precisar de muito mais do que *Ray-Bans* falsos, uma barra de cereais e alguns pensos rápidos miniatura).

Entretanto, do outro lado do campus, a minha amiga Audrey estava no epicentro de um inferno privado criado por si própria. Estivera em guerra com a companheira de quarto durante todo o semestre, uma voluptuosa miúda de Filadélfia, que adorava feiras do Renascimento e era o objeto de desejo de todos os jogadores de LARP (jogos de interpretação ao vivo) e de fãs de *black metal* que havia no campus. A Audrey só queria ter algum

tempo sossegada para ler a revista *The New Republic* e falar pelo *iChat* com o namorado, que estava na Virgínia, enquanto a companheira de quarto andava agora com um rapaz que tentou cozinhar metanfetaminas na cozinha do dormitório delas, o que lhes valeu uma visita de emergência de homens vestidos com fatos protetores contra produtos tóxicos. A Audrey pediu à companheira de quarto para não guardar o anticonceptivo *NuvaRing* no minifrigorífico, o que a rapariga considerou uma afronta imperdoável.

Antes de sair para o meu serão de cerveja e queijo, a Audrey deixou um recado à companheira de quarto: «Se conseguisses fazer menos barulho durante o sexo agora que se aproximam os exames, agradecia-te muito». A resposta da companheira de quarto foi queimar o recado da Audrey, espalhar as cinzas pelo chão e deixar-lhe também um recadinho: «És 1 cabra frígida.

Tira a areia da tua vagina.»



A Audrey correu para o meu quarto, na esperança de lá dormir. Estava a soluçar, atemorizada, a pensar se o recado queimado

não seria apenas o precursor do uso de força letal, e também, obviamente, que eu estaria sozinha, a acabar com o queijo, por isso abriu a porta de rompante sem bater — encontrando o Jonah em cima de mim.

Compreendeu imediatamente a magnitude da ocasião e, por entre lágrimas, gritou: «Mazeltov!»

Eu não tinha contado ao Jonah que era virgem, só lhe dissera que não tinha feito «assim tantas vezes». Tinha a certeza de já ter rasgado o hímen quando andava na escola secundária e me pus a rastejar sob uma vedação em Brooklyn atrás de um gato que não queria ser salvo. Mesmo assim, doeu-me mais do que estava à espera e também de uma forma diferente — foi quase uma moinha: menos como seria a dor de uma facada e mais como uma dor de cabeça. Ele estava nervoso e, num hino à

igualdade dos sexos, nenhum de nós se veio. Depois, permanecemos deitados, nus, a conversar, e pude perceber que ele era uma boa pessoa, seja lá o que isso for.



Acordei na manhã seguinte, tal como acordava todas as manhãs, e comecei a fazer as coisas habituais: telefonei à minha mãe, bebi três copos de sumo de laranja, comi metade do *cheddar* acre que ficara fora do frigorífico desde a noite anterior e ouvi música interpretada por raparigas que tocam guitarra. Olhei para imagens de coisas queridas na Internet e inspecionei a linha do biquíni para ver se encontrava excitantes pelos encravados. Verifiquei o meu *email*, dobrei as camisolas, depois desdobrei todas as camisolas enquanto tentava decidir qual delas ia usar. Naquela noite, senti-me exatamente igual ao deitar e o sono chegou rapidamente. Não se abriu nenhum portão. Não se destrancou nenhuma caixa-forte de verdadeira feminilidade. Ela permaneceu e ela era eu.

Eu e o Jonah só fizemos sexo uma vez. No dia seguinte, ele veio ter comigo para me dizer que achava que o tínhamos feito demasiado cedo e que devíamos passar algumas semanas a conhecer-nos melhor. Depois, perguntou-me se queria ser namorada dele, pôs o meu capacete cor-de-rosa para a bicicleta e proclamou que era «o capacete do namoro», fazendo-me um sinal tresloucado com o polegar para cima. «Andei» com ele durante doze horas, depois terminei tudo na lavandaria do dormitório dele. Nas férias do Natal, enviou-me uma mensagem pelo Facebook que dizia simplesmente: «És Boa!»

O sexo era claramente mais fácil do que eu pensara. Ocorreu-me que teria, nos últimos anos, investido o meu interesse em rapazes que não estavam interessados em mim e isso acontecera porque *eu* não estava preparada. Apesar de todos os filmes sobre raparigas determinadas que andavam no liceu que tanto gostava de ver, os meus anos de liceu haviam sido dedicados aos meus adoráveis animais de estimação, a escrever poemas acerca de

amores proibidos e a entregar o meu corpo apenas às minhas próprias fantasias. E ainda não estava preparada para deixar tudo isso. Tinha a certeza de que, assim que permitisse que alguém me penetrasse, o meu mundo iria mudar de uma forma indescritível, mas, ainda assim, fundamental. Nunca mais seria capaz de abraçar os meus pais com a mesma inocência e estar sozinha teria um sentido diferente. Como é que alguém pode verdadeiramente voltar a sentir-se só depois de outra pessoa ter andado a cutucar o seu interior?

Quão permanente parece ser a virgindade e depois quão inconsequente. Depois do Jonah, mal me lembrava da sensação de carência, do embaraço e dos sentimentos de urgência. Lembro-me de passar pela rapariga *punk* de braço dado com o namorado no último ano e nem sequer acenámos com a cabeça em jeito de sobreviventes. Ela provavelmente andava a fazer sexo todas as noites, com o seu farto peito a subir e a descer ao ritmo de alguma música *hard-core*, tendo a nossa ligação sido apagada pela experiência. Bom para ela.

Só mais tarde o sexo e a identidade se tornaram um só. Escrevi aquela cena da perda da virgindade quase palavra por palavra para o meu primeiro filme, *Creative Nonfiction\**, menos a parte em que a Audrey entrou de rompante pela porta, temendo pela sua própria vida. Quando desempenhei aquela cena de sexo, a minha primeira, senti-me mais mudada do que me sentira pela própria experiência de fazer sexo com o Jonah. Como se aquilo tivesse sido só sexo, mas isto agora fosse o meu trabalho.